

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

**Alexsandro Teixeira Ribeiro**  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

**Alexsandro Teixeira Ribeiro**  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco



Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Sociologia: das ausências às emergências

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Alessandro Teixeira Ribeiro

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: das ausências às emergências / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-970-7

DOI 10.22533/at.ed.707211504

1. Sociologia. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Combater a ausência a partir da emergência. Boaventura de Sousa Santos, um dos principais sociólogos da atualidade, aborda em seu pensamento a necessária quebra da colonização e da razão indolente, para o estabelecimento de um paradigma norteado pela multiplicidade de identidades e pela atuação contra-hegemônica a partir da abordagem do cosmopolitismo.

Esta perspectiva sociológica é o que norteia a edição da presente obra intitulada “Sociologia: Das Ausências às Emergências”, livro que reúne diversas contribuições para o debate de temas relativos ao cenário de diversidade e de pesquisas e abordagens teóricas descolonizadoras. Os capítulos da obra são resultantes de artigos e divulgação de investigações ancorados no campo da Sociologia, mas que dialogam com outras áreas do saber, como história, ciência da saúde, direito, comunicação, dentre outros.

Da mesma forma que o conceito central do livro é de origem e de debate múltiplo, as pesquisas que reforçam o conceito das Ausências às Emergências também são de localidades distintas, reforçando o caráter cosmopolita da pesquisa. Assim, as contribuições da presente obra não se encerram no cenário de excelência em pesquisa nas instituições privadas e públicas do Brasil, mas ultrapassam os limites nacionais para reunir também pesquisas desenvolvidas no eixo ibérico, em especial em universidades e centros de pesquisas de Lisboa, Braga e Madrid.

O quadro final é o de um livro com múltiplos olhares científicos que aprofunda olhares sobre temas como democracia racial, a luta das Mães de Acarí por justiça, a ética do cuidado, a identidade laboral, questões ambientais, e até a necessária inclusão da Sociologia no currículo básico de ensino. A relevância dos temas, a profundidade das análises e o rigor das investigações tornam a coletânea “Sociologia: Das Ausências às Emergências” uma leitura fundamental para o debate dos assuntos invisibilizados socialmente, e para quem busca tornar presentes e reais os assuntos ausentes.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A CRISE DA MODERNIDADE OCIDENTAL E A PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Rodrigo Davi Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.7072115041**

### **CAPÍTULO 2..... 17**

A DEMOCRACIA RACIAL COMO UM PROJETO DE PLANIFICAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO DE GUERREIRO RAMOS

Nikolas Gustavo Pallisser Silva

Alan Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.7072115042**

### **CAPÍTULO 3..... 38**

EL IMPACTO RELACIONAL DE LA POBREZA EN LA INFANCIA Y LA ADOLESCENCIA APORTES DESDE EL ANÁLISIS DEL BIENESTAR DE LA INFANCIA EN ESPAÑA 2007-2015

Gonzalo de Castro Lamela

Clarisa Giamello

**DOI 10.22533/at.ed.7072115043**

### **CAPÍTULO 4..... 52**

O REGIME DE PODER E O CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: UMA ANÁLISE DE MICHEL FOUCAULT À ACHILLE MBEMBE

Diego Borges Cordeiro

**DOI 10.22533/at.ed.7072115044**

### **CAPÍTULO 5..... 67**

MISSÕES DE PAZ DA ONU SOB A PERSPECTIVA DA ÉTICA DO CUIDADO

Claudia Santos

Marlene Tamanini

**DOI 10.22533/at.ed.7072115045**

### **CAPÍTULO 6..... 83**

DA EMERGÊNCIA DO PROBLEMA AMBIENTAL À EMERGÊNCIA DO AMBIENTE NA SOCIOLOGIA

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.7072115046**

### **CAPÍTULO 7..... 98**

DE DENTRO E DE FORA: ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO E PERMANÊNCIA EM UMA COMUNIDADE RURAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Diana Anunciação Santos

**DOI 10.22533/at.ed.7072115047**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>110</b>
ENTRE PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DAS DESIGUALDADES EM DUAS ROTAS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS	
Rovênia Amorim Borges	
Renísia Cristina Garcia-Filice	
DOI 10.22533/at.ed.7072115048	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>125</b>
ESPACIALIDADES DO ESPIRITUAL NA PINTURA PÓS-MODERNA: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO TRANSCENDENTAL MÍSTICO NA LINGUAGEM PICTÓRICA DA OBRA DE ARTE	
Salomé Marivoet	
DOI 10.22533/at.ed.7072115049	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>140</b>
SIGILO PROFISSIONAL EM EQUIPES INTERPROFISSIONAIS: ALGUMAS REFLEXÕES	
Isabela Sarmet de Azevedo	
Bárbara Carlos Souza	
Juliana Manhães Fernandes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70721150410	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>152</b>
FORMAÇÃO DOCENTE E MERCADO DE TRABALHO: A INSERÇÃO DOS EGRESSOS DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS CDSA/SUMÉ NO MERCADO DE TRABALHO NO PERÍODO DE 2013 A 2017	
Edmilson Cardoso da Silva	
Diane Ângela Cunha Custódio	
Ana Lúcia Nery Sabath	
DOI 10.22533/at.ed.70721150411	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>166</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E CLASSES SOCIAIS NA COSTURA	
José Guirado Neto	
DOI 10.22533/at.ed.70721150412	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>180</b>
O HISTÓRICO DAS LUTAS PELA INSERÇÃO DA SOCIOLOGIA NO CURRÍCULO BÁSICO DE ENSINO BRASILEIRO: REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	
Suelén Alves da Silva	
Sabrina da Silva Sousa	
Marco Aurélio Neves	
DOI 10.22533/at.ed.70721150413	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>193</b>
UMA TIPOLOGIA DOS ESTUDOS SOBRE O PODER LOCAL NO BRASIL: CAPITAIS, ESTRUTURAS E INSTITUIÇÕES	
André Barsch Ziegmann	
DOI 10.22533/at.ed.70721150414	

<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>207</b>
DESMISTIFICANDO UM CLAMOR SOCIAL CRIMINOSO E CRIMINALIZANTE	
Rafaela Lourenço da Silva	
Alexandra Lourenço	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150415</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>220</b>
A LUTA DAS MÃES DE ACARI POR JUSTIÇA	
Dandara Vicente Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150416</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>232</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>233</b>

# CAPÍTULO 7

## DE DENTRO E DE FORA: ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO E PERMANÊNCIA EM UMA COMUNIDADE RURAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 13/01/2021

**Diana Anunciação Santos**

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,  
Centro de Ciências da Saúde  
Santo Antônio de Jesus - Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/1283988190583054> /  
<http://orcid.org/0000-0002-7579-1674>

Trabalho resultante da tese de doutoramento “*Esse mundo era todo nosso*”: fluxos migratórios e memória coletiva em uma comunidade rural do Litoral Norte da Bahia, defendida em 2016, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

**RESUMO:** Esta pesquisa<sup>1</sup> analisa as mudanças de uso do território de trabalho e moradia tradicionais da comunidade rural Curralinho, região do Litoral Norte da Bahia. Estas engendradas pelo projeto modernizante de desenvolvimento econômico e turístico do governo estadual, a partir de 1970, com a implantação das florestas homogêneas de eucaliptos e pinus e da construção de grandes empreendimentos turísticos. Por meio de uma análise qualitativa, composta por observação participante, entrevistas semiestruturadas e da história oral, observou-se que o processo de mobilidade espacial se intensifica, fortalecendo o sentimento de pertença entre os *nativos* e assinalando a diferença identitária e social

<sup>1</sup> Financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

entre estes e os *de fora*. Em suma, as novas estratégias de uso territoriais constituem-se elementos de (re)significação do pertencimento e permanência, marcados pela diferença social, temporal e espacial dos atores envolvidos no processo, assinalando a resistência do grupo para continuar existindo.

**PALAVRAS - CHAVE:** Comunidades Rurais. Projetos Intervencionista. Pertencimento. Mobilidade Espacial. Litoral Norte.

### INSIDE AND OUTSIDE: STRATEGIES OF BELONGING AND STAYING IN A RURAL COMMUNITY ON THE NORTH COAST OF BAHIA

**ABSTRACT:** This research analyzes the changes in the use of the traditional work and home territory of the rural community Curralinho, in the North Coast of Bahia. These were created by the modernizing project of economic and tourist development of the state government, starting in 1970, with the implantation of homogeneous forests of eucalyptus and pine and the construction of large tourist enterprises. Through a qualitative analysis, composed of participant observation, semi-structured interviews and oral history, it was observed that the process of spatial mobility intensifies, strengthening the feeling of belonging between the natives and pointing out the identity and social difference between them and the out. In short, the new territorial use strategies are elements of (re) signification of belonging and permanence, marked by the social, temporal and spatial difference of the actors involved in the



process, signaling the group's resistance to continue to exist.

**KEYWORDS:** Rural Communities. Interventionist Projects. Belonging. Spatial Mobility. North Coast.

## 1 | INTRODUÇÃO

O campesinato vive no meio rural preparando, semeando e colhendo da terra a base da reprodução familiar – produtos de gêneros alimentícios. Não obstante sua organização social seja coletiva, tendo por liame o sentimento de reciprocidade, este se pauta na “unidade doméstica de produção”. (CHAYANOV, 1974) Utiliza-se do trabalho familiar, no qual pais e filhos exercem as funções da labuta na lavoura, acrescentando-se a esta as atividades domésticas, do quintal, o cuidado com a criação de animais, o extrativismo e, em determinados grupos, a pesca e mariscagem artesanais, numa perspectiva complementar de manutenção e reprodução do patrimônio rural familiar. (MOURA, 1986)

Diversas comunidades rurais do Litoral Norte da Bahia podem ser consideradas grupos tradicionais, pois têm como principais atividades econômicas a lavoura de gêneros alimentícios, executada por meio da agricultura familiar e a produção de artesanatos, a partir do extrativismo da palha da piaçava (*A. funifera*), podendo ser enquadradas, na definição de grupo camponês.

Este artigo propõe-se a analisar, portanto, as mudanças de uso do território tradicional, empreendidas na comunidade rural Currealinho, localizada no município de Mata de São João, Litoral Norte do estado da Bahia. Estas acarretaram o estabelecimento de novas estratégias de pertencimento e permanência do modo de produção, do estilo de vida e sociabilidade característicos da *ética camponesa*. (WOORTMANN, 1990)

O litoral Norte agrega muitos grupos tradicionais reconhecidos pela produção de artesanatos da palha de piaçava e pela pesca e mariscagem artesanais. A principal atividade econômica desta região é a indústria do turismo, haja vista o litoral matense ser um dos destinos turísticos mais visitados no Brasil. É justamente entre Imbassaí e Porto de Sauípe que a comunidade ora analisada encontra-se situada, na parte interna do continente – ao lado esquerdo da rodovia estadual BA-099 (sentido Bahia-Sergipe), no trecho conhecido por Linha Verde – afastando-se da faixa litorânea.

Nesse sentido, o intuito aqui é compreender como as novas estratégias de utilização do território de trabalho e morada constituem-se elementos fundamentais da resistência e manutenção dos laços de pertencimento deste grupo, o qual foi impactado pelas políticas intervencionistas de desenvolvimento econômico e turístico, implementadas na década de 1970, pelo governo estadual, com referência às políticas públicas federais.

Metodologicamente, o desenvolvimento desta pesquisa esteve calcado numa abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, tomando-se como estudo de caso a supramencionada comunidade. Para tanto, fez-se uso da observação participante,

entrevistas semiestruturadas e da história oral. As atividades de coleta de dados foram realizadas *in loco*, durante o período de 2013 e 2015.

## 21 AS MUDANÇAS NOS USOS TERRITORIAIS E DAS PRÁTICAS DE TRABALHO

O Distrito Florestal do Litoral Norte (DFLN) foi implementado por meio de um conjunto de políticas econômicas definidas pelo Governo Federal, que buscava reordenar o território nacional e assegurar o desenvolvimento industrial. (SAMPAIO, 1990) A expansão das florestas homogêneas, entre as décadas de 1970 e 1980, teve um aumento de quase 1.000% no total da área ocupada, incidindo sobre este fato o deslocamento de algumas comunidades inteiras e famílias que ocupavam estas áreas. (GONÇALVES; MACHADO, 1996).

A chegada do pinus e do eucaliptos na localidade levou à comunidade Currealinho a reordenar as estruturas das relações socioeconômicas, culturais e ambientais. Quase todas as famílias perderam suas terras de roçado, bem como o acesso facilitado aos espaços de extração da palha da piaçava, aos brejos, rios e fontes de captação de água.

Anteriormente à chegada das grandes fazendas monocultoras de eucaliptos e pinus, o modo de produção local era baseado no trabalho na lavoura como principal atividade econômica, complementado pelas atividades produtivas realizadas nos quintais, extrativismo, produção de artesanato, pesca e mariscagem artesanais. Tal grupo possuía uma extensão territorial ampliada e as famílias tinham consideráveis áreas de terras destinadas aos roçados.

O trabalho familiar era constituído por todos os membros da família, mas a responsabilidade e organização dos roçados centravam-se na figura masculina, o chefe de família. Segundo Ellen F. e Klass Woortmann (1997), “a direção do processo [de trabalho na roça] é determinada pelo *pai de família*, detentor do *governo* do trabalho. É ele quem ‘dá a direção’ [...] O pai de família é como o ‘dono’ do saber, componente da hierarquia familiar”. (*Idem*, p.37-38. Grifos dos autores).

O saber tradicional das práticas de trabalho é transmitido por gerações por meio da Memória Coletiva, na direção dos mais velhos aos mais novos. Assim, trata-se de um processo de sociabilidade e preparação dos herdeiros da terra de trabalho. As crianças e jovens do meio rural trabalham juntas com seus pais desde cedo na lavoura, cuidando dos animais, do quintal e dos afazeres domésticos. Esta relação de trabalho não se estabelece como exploração e nem apenas como um complemento da atividade econômica da *unidade doméstica de produção* (CHAYANOV, 1974), mas, é antes de tudo, um processo de socialização do sujeito, de formação daquele que está sendo preparado para herdar e cuidar da terra, responsável pela reprodução e continuidade da família. (CARDEL, 1996)

As mulheres, por sua vez, desenvolviam algumas atividades nas roças, participando,

geralmente, das fases de plantação e colheita. A sua função é caracterizada pelos homens e aceita por elas mesmas como “ajuda”, não constando como uma prática de trabalho feminina, mas, sim, masculina. As mulheres de Curralinho possuíam o controle das atividades exercidas nos espaços internos da unidade doméstica (a casa e os filhos) e os quintais como sua extensão, da extração da palha de piaçava e da produção de artesanatos.

O território econômico, ou seja, os espaços destinados ao roçado e extração da piaçava encontravam-se situados nas áreas ao redor do centro da comunidade, geralmente, próximos aos brejos, alcançando boas extensões de terras. Estas não eram cercadas e, segundo os relatos, os espaços de roçado familiar eram demarcados por pontos naturais como pedras, árvores, rios etc. Esta forma de demarcação do espaço compunha a territorialidade de identidade da comunidade e, como afirma Pollak (1989), enquadra, até o momento presente, o território-identidade do grupo.

O arame das cercas, o pinus e o eucalipto tornam-se os grandes vilões dos/as moradores mais velhos/as da comunidade. Este *evento* (SAHLINS, 1990) da chegada do arame e cercamento das terras reduziu a importância da lavoura para este grupo, devido à perda das terras e espaços de trabalho, levando-o a procurar outras estratégias e a reorganizar as práticas tradicionais.

A produção da roça era quase completamente destinada ao consumo interno das famílias, mas quando havia excedente era comercializado nas feiras livres de Praia do Forte, Porto do Sauípe, Itanagra, Camaçari, Pojuca e mesmo Salvador. Também ocorriam trocas de produtos entre as famílias locais e, assim, todas tinham acesso a quase todo tipo de produto alimentício produzido na região, garantido o equilíbrio da dieta alimentar. Este processo estava coberto pelo sistema de reciprocidade exercido na confiança entre as partes: o *dar-receber-retribuir* era parte do código costumeiro e regras tácitas do grupo. (MAUSS, 1974)

Embora o solo seja arenoso e pouco fértil, plantava-se de tudo: mandioca, feijão, feijão de corda, abóbora, milho, aipim, batata, batata-doce, melancia, amendoim, quiabo, entre outros produtos. As áreas do brejo possuíam as melhores parcelas de terras e fartura de água as quais possibilitavam boas colheitas. Os quintais, localizados ao fundo das casas, eram os responsáveis pela maior parte dos produtos consumidos pelas famílias abarcando desde a horta (com salsa, cebolinha, alface, pimenta, couve, coentro etc.), criação de pequenos animais (galinhas e porcos), ervas medicinais e árvores frutíferas.

O principal produto da lavoura de subsistência era a mandioca, à qual beneficiavam nas casas manuais de farinha locais, transformando-a em farinha destinada à maior parte para o consumo doméstico e o excedente para a comercialização. As mulheres lavavam a mandioca para preparar o carimã e fazer bolos e beiju para vender em Porto de Sauípe e São José do Avena (respectivamente, distritos do município de Entre Rios e Itanagra), aumentando a renda familiar. Era exatamente a venda dos excedentes da produção, dos quintais e roçados, que possibilitava às famílias terem acesso aos produtos dos quais não

podiam produzir.

Atualmente, poucas famílias ainda possuem pequenas lavouras de subsistência e produzem seus alimentos, mantendo a mandioca como o principal produto da plantação. No entanto, as áreas de roçado são bem menores e a comunidade quase já não tem mais acesso aos brejos, apenas a três deles. Os quintais reduziram de tamanho e não possuem mais a mesma importância e produtividade de antes. Na realidade, estas atividades agora são consideradas complementares e não mais a base da manutenção e reprodução das famílias de Curralinho.

A produção de artesanato, a partir da extração da palha de piaçava, assume, então, o papel de atividade econômica fundamental, modificando, inclusive, as relações de poder local. Esta prática eminentemente feminina no passado, engloba atualmente o trabalho de toda a família incluindo os homens, crianças e idosos. A base da economia doméstica passa a centrar-se na figura da mulher e não mais essencialmente naquela do homem.

No período anterior ao cercamento das terras, as palhas da piaçava eram retiradas dentro da área territorial da própria comunidade, constituindo um território de uso. A proximidade facilitava a retirada e deslocamento destas. Com as plantações de pinus e eucalipto nestes espaços, as áreas de extração, hoje, encontram-se muito distantes, dificultando o acesso das pessoas e acarretando o afastamento das mulheres mais velhas no processo de extração da palha. Somente as mulheres jovens têm força e vitalidade para suportar percorrer longos caminhos com toda a palha nas costas. Assim, aquelas que ainda suportam extrair a palha, a vendem para as famílias que não conseguem mais realizar esta etapa do processo produtivo, o que reduz ainda mais a lucratividade destas.

A produção de chapéus, tapetes, bolsas, esteiras, centros de mesa, descansos de panela, carteiras, cestos etc., antigamente, era vendida nas feiras livres do município de Mata de São João, Itanagra, Pojuca e no distrito de Praia do Forte, atualmente o principal polo turístico do Litoral Norte baiano. Hoje, grande parte desta é comercializada na própria comunidade por mediadores, que compram a produção para vender nos hotéis, *resorts*, pousadas e nas lojas de *souvenirs* no comércio turístico da região.

Em 1990, década do incentivo ao potencial turístico do Litoral Norte, as mulheres do Curralinho, juntamente com as de outras comunidades como Diogo, Areal, Santo Antônio e Porto de Sauípe receberam um curso de produção de artesanato em palha do Programa SEBRAE de Artesanato, financiado pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Este foi implementado como parte da política mitigadora aos impactos provocados pela implementação do *Resort Costa de Sauípe*, conhecida por Projeto Berimbau. O objetivo do curso era agregar valor e padronizar todo o artesanato produzido na região. Além das aulas para produção em alta escala e mais celeridade na confecção das tranças, receberam orientação para tingimento da palha, cálculo dos custos, lucro, agregação de valor aos produtos, formas de comercialização e associativismo.

As mulheres artesãs, participantes deste curso, se reuniram e constituíram a

Associação das Artesãs de Currálinho. No entanto, é importante frisar que as mulheres mais velhas acham que a produção do artesanato, nos moldes do SEBRAE, não possui a mesma beleza e identidade dos grupos de artesãs como aqueles produzidos com base no saber tradicional local difundido por gerações. Estas resistiram à inserção destes modelos padronizados, que preconiza a utilização de tranças mais finas e uniformes em detrimento dos trançados mais elaborados. A não participação destas nos cursos, a resistência em elaborar os artesanatos com os novos trançados e a não inserção à Associação acarretaram a perda do poder de comando e de transmissão do saber das mulheres mais velhas neste processo produtivo, passando a centralidade para as mulheres mais jovens.

O desenvolvimento turístico e econômico do Litoral Norte engendrou também uma consequente valorização das terras locais, sobretudo, daquelas próximas à faixa litorânea. A especulação imobiliária - embora apresente fatores positivos conforme afirmam os grupos locais, através da melhoria e acesso a alguns serviços públicos (como transporte, saúde e educação), anteriormente quase inexistentes na localidade, e mesmo geração de emprego e renda para alguns poucos - tem fomentado um processo de desestruturação social e desenraizamento cultural em diversas comunidades, pois muitas famílias perderam as suas terras de trabalho e moradia, sendo obrigadas a mudarem de espaço e de estilo de vida.

A comunidade Currálinho atraiu muitas destas famílias para o seu território, principalmente, pelo valor mais baixo das terras (por se encontrar ao lado interno da rodovia) e das relações de parentesco, compadrio e vizinhança estabelecidas entre estes grupos. A ida para esta comunidade, não obstante seja marcada pela ruptura do uso centenário dos seus espaços sociais, ainda simboliza uma tentativa de resistência da permanência do modo de vida e trabalho, dos conhecimentos locais e da manutenção do sentimento de pertença territorial.

A chegada destas novas famílias ocupando algumas áreas e a perda das terras de trabalho para a plantação de pinus e eucaliptos impactam profundamente a reprodução das práticas de trabalho tradicionais. As famílias, então, percebem que a inserção no contexto econômico abrangente seria a saída para garantir a reprodução da unidade doméstica de produção. Assim, a oferta de serviços como alimentação, transporte, hospedagem para os turistas interessados em um turismo mais simples e econômico, acabou engendrando novas formas de obtenção e aumento na renda dos grupos domésticos. Com isso, surgiram pequenos restaurantes de comida caseira, serviço de moto-táxi, bares, mercadinhos, estabelecimentos de material de construção, venda de chip e recarga para celular, entre outros bens e consumos típicos dos meios urbanos.

Para além dessas novas formas de relações mercantis, os habitantes do Currálinho perceberam que o valor econômico da terra enquanto área de construção civil poderia lhes garantir uma renda mensal ou recursos para abrir o próprio negócio em seu território, mantendo, assim, a família e uma parte da sua reprodução social. Desta forma, considerável

parte das terras destinadas aos quintais foi loteada por algumas famílias e comercializada. Outras resolveram construir casas e quartos objetivando alugar tais imóveis por temporada.

Com base nisto, há uma mudança na lógica de uso das terras das famílias do Currálinho. O seu significado, a priori, estava centrado na reprodução social da família, ou seja, era o meio de trabalho e de permanência, e de forma ampla, era considerada patrimônio não apenas por possuir um valor econômico, mas por estar intrinsecamente ligada ao trabalho nela empregado, concretizado na produção agrícola e nas atividades de extrativismo. (WOORTMANN, 1990) A lógica atual capitalista imprimiu um novo sentido à terra na medida em que esta, atualmente, não representa apenas o trabalho e a produção, mas a perspectiva de renda sem utilização das práticas de trabalho tradicionais de fertilizar a terra. No entanto, cabe salientar que o aspecto da alta lucratividade capitalista e acúmulo de riquezas não compõe a lógica e significado deste grupo que ainda assim, utiliza-se desta estratégia para sobreviver e manter o seu estilo de vida.

### 3 I NÓS X O OUTRO: A COMPOSIÇÃO SOCIAL DO CURRALINHO

A instalação de grandes empreendimentos turísticos – como *resorts*, pousadas, hotéis e restaurantes - no Litoral Norte baiano gesta novos impactos nas comunidades rurais e pesqueiras locais. Diversas pessoas e famílias externas a tais grupos se dirigem à região, a maioria em busca de trabalho nas grandes empresas deste complexo turístico. No Currálinho, há um crescimento populacional a partir da ocupação de uma antiga área de produção, dando surgimento a um novo bairro, denominado de *Novo Currálinho*. Este grupo vivencia, portanto, um aumento da sua população fixa e flutuante. A chegada desses *outsiders* fortalece o sentimento de pertença e a coesão dos *estabelecidos* (ELIAS, 2000), os quais marcam a identidade coletiva a partir do tempo de permanência e trabalho tradicional com a terra, da ancestralidade e do uso do território comum. Este fato institui a *fronteira social* manifestada na relação *nós* com o *outro*. É a partir desta relação que são concretizados os critérios de pertencimento, definindo quem é *de dentro* e quem é *de fora*, ou seja, o *nativo* e o *novo morador*. (BARTH, 1998)

Assim, a população fixa e flutuante deste grupo, atualmente, pode ser classificada em quatro categorias definidas a partir dos seus próprios critérios de pertencimento, pautados na espacialidade e temporalidade, nas relações de sociabilidade e parentesco, e no modo de vida e trabalho: 1. *moradores “nativos”* - “filhos” da região, ou seja, nascidos na própria comunidade e, portanto, descendentes dos primeiros moradores ou também nascidos em outras comunidades vizinhas, as quais mantêm relações de parentesco e compadrio entre si; 2. *novos moradores* – pessoas externas ao grupo, ocupam os espaços do *Novo Currálinho* e não possuem a priori nenhuma relação de consanguinidade ou parentesco espiritual com os nativos; 3. *moradores veranistas* – compram lotes e constroem suas casas de veraneio nas áreas do Currálinho, aparecendo nos feriados, finais de semana

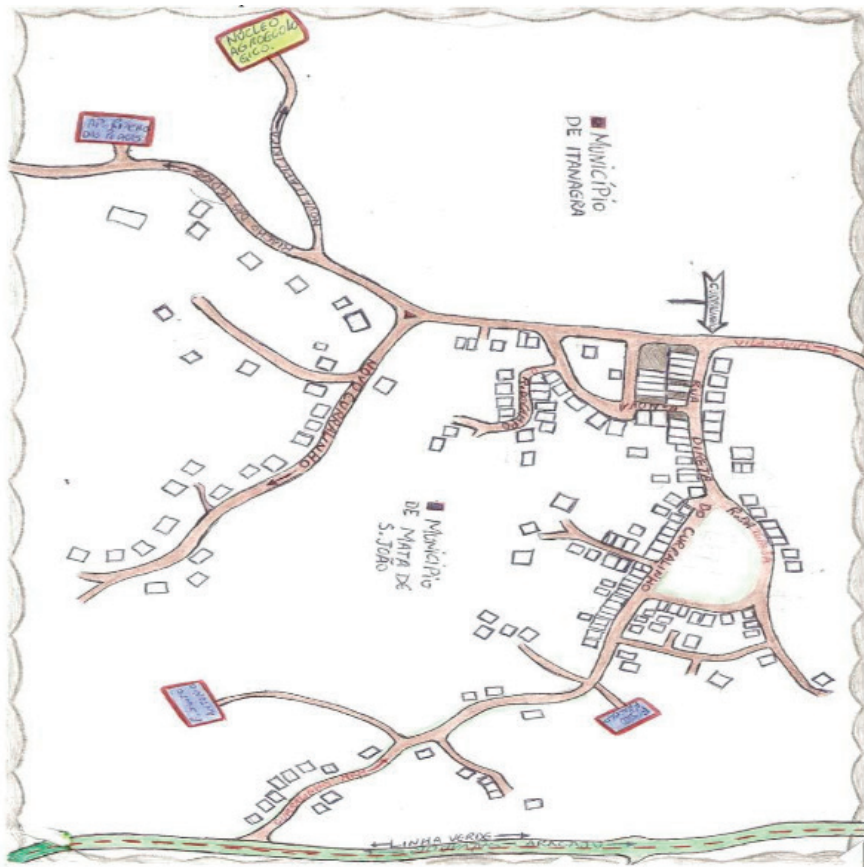
e férias e 4. *População flutuante* – constituída por turistas e trabalhadores das grandes empresas locais.

Este movimento do aumento populacional e separação socioespacial gestou uma divisão nos espaços sociais de moradia, acirrando a distinção de pertencimento, direitos, deveres e as relações de poder (Ver mapa 01 abaixo). Atualmente, os *moradores nativos*, sobretudo, os mais antigos da região, residem na área principal, que está dividida por eles entre: a) *centro*, também conhecido historicamente por *Tabuleiro*; b) *extensão da estrada vicinal de acesso*, chamado historicamente de *Currallinho de Baixo*; e c) *área próxima à estrada de acesso* ao município de Itanagra, também conhecida historicamente por *Currallinho de cima*.

Os *novos moradores* habitam a área localizada ao sul, mais acima dos espaços de moradia tradicionalmente ocupados pela comunidade, conhecido por *Novo Currallinho*, mas denominada pelos “*nativos*” de “*área da invasão*”. Segundo os moradores locais, esta área, que correspondia aos antigos espaços de roçado das famílias mais antigas, foi “invasada”, ou seja, ocupada pelos *novos moradores*. Os relatos apontam que não houve negociação de compra e venda das terras e que esses iniciaram o processo de instalação entre os anos de 2005 e 2008. Para os nativos, morar na área “invasada” significa não ter história de utilização de um território de uso comum, não pertencer ao grupo centenário.

Já os *veranistas* têm ocupado a área denominada de *loteamento* no próprio centro da comunidade, porém localizada atrás da Rua Direta do Currallinho. Estes *novos moradores*, de fato, têm negociado a compra e venda de terras e quase sempre esses lotes sofrem constantes mudanças de proprietários que os adquirem com o objetivo específico voltado para a especulação imobiliária.

A *população flutuante* também traz algumas modificações na sociabilidade do grupo. Primeiramente, Currallinho passou a ser denominado de *Povoado da Situação* devido ao grande número de pessoas externas que por lá passavam e ainda passam todos os dias. Este fato propiciou uma sensação de aumento da renda das famílias, na medida em que esta população utiliza dos serviços prestados pelos nativos. Todavia, a presença constante deste *outro*, que pode ser um turista ou trabalhador da região, constrange, em determinados contextos, os moradores nativos. Há uma percepção geral de que houve um aumento na incidência da violência local, interferindo na convivência cadenciada do grupo. Por isso, estes são denominados pelos nativos de os *estranhos*, ou seja, aqueles que não possuem referências familiares na região.



MAPA 01: Croqui do território atual da comunidade rural Currallinho.

Fonte: LIMA, J. S. 2009, p 17.

Essas novas estratégias e arranjos de manutenção das famílias gestam novas motivações individuais e familiares em torno da importância da mobilidade espacial. Embora esta seja, uma estratégia de reprodução e manutenção da família no campo, ela é também “[...] componente do processo de expropriação, desenraizamento e proletarianização do camponês.” (MARTINS, 2009, p. 45). Nesse sentido, aponta que desde meados do século XX, a mobilidade espacial tem sido encarada como um problema social.

#### 4 | MEMÓRIA COLETIVA E SUA RELAÇÃO COM A MOBILIDADE ESPACIAL

Na *memória coletiva* (HALBWACHS, 2006) dos nativos do Currallinho, a mobilidade espacial realizada antes da década de 1970, tratava-se mais especificamente de estratégias das trajetórias de manutenção dos grupos familiares. Esta era percebida, principalmente, como a oportunidade de promover o aumento da renda familiar, de adquirir produtos que



a produção agrícola não dava conta de suprir, bem como a possibilidade de impedir a fragmentação extrema da terra a ser partilhada entre os filhos que permaneciam.

Por outro lado, contraditoriamente, a mobilidade também promovia a ruptura do liame familiar, externalizada na adversidade vivenciada pelo grupo doméstico que via em tal ato de migração uma perspectiva de amenizar a impossibilidade que o pequeno lote agrícola tinha de suprir as necessidades básicas dos grupos domésticos. Assim, uma estratégia de reprodução social embasada no deslocamento campo-cidade, acabou expondo os indivíduos e o próprio grupo social à exploração violenta do trabalho, à liminaridade social às quais se submete todo indivíduo em processo de mobilidade, e às transformações espaciais no território de uso e de trabalho. Como nos narra os nossos informantes, o percurso principal da mobilidade espacial do jovem adulto, antes da indústria turística, era o de saída, ou seja, os nativos do Curralinho migravam para os centros urbanos do país, sobretudo a metrópole de Salvador e a megalópole de São Paulo, em busca de trabalho que possibilitasse melhores condições de manutenção das suas próprias famílias no campo. Esta estratégia compreendia mais o sentido coletivo, ou seja, a importância do ato para o grupo familiar.

Atualmente, o percurso principal da mobilidade para os nativos passa a ser o de retorno. As motivações correspondem mais especificamente ao projeto pessoal do indivíduo, ao crescimento pessoal e profissional, como finalizar os estudos e fazer cursos profissionalizantes, sobretudo, com a perspectiva de ocupar as vagas de trabalho nos empreendimentos turísticos e indústrias da região (a exemplo dos *Resorts* de alto padrão de luxo como *Costa do Sauípe*, *Iberostar Bahia Golf e SPA*, *Grand Palladium Imbassá Resorts SPA*). Mas, vale ressaltar que por trás do projeto pessoal, a mobilidade ainda favorece a manutenção das famílias no campo, já que a roça perdeu a importância centralizadora da economia local e a produção de artesanato, mesmo este ganhando o papel econômico principal, não consegue suprir atualmente as necessidades básicas dos grupos familiares. Os nativos, sobretudo, os mais jovens, portanto, moram em Curralinho e trabalham nos hotéis e *resorts* no momento da alta estação de veraneio. Em momentos de baixa estação, são obrigados à buscar emprego fora da região do Litoral Norte e até mesmo ir para outros estados do país.

Essa inversão da importância das motivações pessoais e familiares, já que ambas coexistem, é proporcionada pela valorização local empreendida, sobretudo pelo setor turístico, a qual tem possibilitado uma nova rota para as trajetórias espaciais. O contexto econômico local, portanto, promove o retorno dos nativos que saíram e a chegada de novas famílias e indivíduos, mas também a saída dos nativos que tem a perspectiva de se qualificar para retornar e ocupar as vagas de trabalho das empresas locais.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de todas as suas contradições, este novo movimento espacial tem estabelecido um fortalecimento do sentimento de pertencimento social dos nativos, gestado na espacialidade e temporalidade das *fronteiras sociais* (BARTH, 1998). A coesão de grupo e o sentimento de pertencimento estão firmados na memória coletiva de uma temporalidade de vivência em comum no território social, estabelecidos nas relações de parentesco, compadrio e vizinhança. A memória coletiva, portanto, constitui o significado de ser o *de dentro* e a definição daqueles que são *de fora*. Allan Tarrus (2000) também compartilha a ideia de que a mobilidade espacial acarreta intensas convulsões internas e externas aos grupos, já que ela traz à tona as duas principais oposições: o *de dentro* versus o *de fora*; *eu* versus o *outro*. Por conta disso, as atuais relações de sociabilidades do Curralinho estão pautadas na distinção entre os *estabelecidos* e os *outsiders* (ELIAS, 2000).

Estes diversos caminhos da mobilidade espacial têm realizado não apenas mudanças estruturais, mas, sobretudo, mudanças simbólicas e de pertencimento social. A mobilidade dos nativos ainda se processa, mas há uma reconfiguração das motivações individuais e familiares e de suas trajetórias. Outrossim, a chegada de *novos moradores* na localidade, que não possuem laços de pertencimento e usos territoriais tem fomentado uma nova dinâmica nas relações de ocupação, uso e poder dos espaços sociais.

Em suma, a comunidade Curralinho tem se estruturado nas bases do pertencimento atreladas às relações de trabalho com a terra, às formas de ocupação e uso tradicionais do seu território, à ancestralidade, relações de parentesco, compadrio e vizinhança, ou seja, ao tempo e ao espaço da sociabilidade local de um *ethos* ainda camponês. As novas relações sociais e econômicas configuram-se como resistência à desestruturação provocada pelo desenvolvimento econômico e turístico do Litoral Norte baiano para a permanência de um modo de vida e de trabalho, de relações culturais e ambientais característicos deste grupo social, para além dos processos modernizadores impostos pelos governos estaduais e federais.

## REFERÊNCIAS

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

CARDEL, L. M. P. S. A concepção do trabalho no universo camponês: um processo ético de socialização. In: **BAHIA Análise e Dados/SEI**, Salvador, v.6 n.1, 1996.

CARDEL, L.; OLIVEIRA, R. **Relatório de Pesquisa do Projeto CAPES: 689\10 Processo BEX 0112\11-9**, PPGCS, UFBA, 2013.

CHAYANOV, A. V. **La organización de la unidade econômica campesina**. Tradução de: Rosa María Rússovich. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974, 343 p.

ELIAS, N.; e SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, 224 p.

GONÇALVES, M. T.; MACHADO, C. W. da C. Reflorestamento e mudanças nas condições de vida no Litoral Norte da Bahia. IN: **Caderno do CEAS**, n.161, jan./fev. 1996, p. 23-34.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, 222 p. (Título original: *La mémoire collective*).

LIMA, J. S. (org.). **Relatório da caracterização sócio-econômica da comunidade de Curralinho, Mata de São João – BA**. Salvador: LAVIET/UFBA, 2009, 17p.

MARTINS, J. de S. Migrações temporárias, problema para quem? In\_\_\_\_, **Exclusão social e a nova desigualdade**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EDUSP, vol. II, 1974.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Tradução de Bárbara Sette. Rio de Janeiro: Zahar, 1990, 209 p.

SAMPAIO, M. R. T. **Formação de Atores e Reestruturação do Espaço**: O caso COPENER celulose no Litoral Norte da Bahia. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Orientadora: Anete Brito Leal Ivo, Salvador/BA, 1990, 218f.

TARRIUS, A. Las circulaciones migratórias: conveniência de La noción de 'territorio circulatorio'. Los nuevos hábitos de La identidad. In: **Ler, describir, interpretar**, Verano, v. XXI, n. 83, 2000.

VINHA, S. G; SILVA, L. A. M. **A Piaçaveira da Bahia**. Ilhéus: Editus, 1998, 48p.

WOORTMANN, E. F. e WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UnB, 1997.

WOORTMANN, K. Com parente não se neguecia: o campesinato como ordem moral. **Anuário Antropológico**, Brasília: UnB, n. 87, 1990.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abandono Emocional 47  
Achille Mbembe 6, 52, 53, 62, 64  
Antropologia 33, 34, 89, 109, 182, 186, 187, 223, 230

### B

Base Nacional Curricular Comum 185

### C

Ciência sem Fronteiras 7, 110, 111, 114, 121, 122  
Classes Sociais 7, 29, 122, 166  
Comunidades Rurais 98, 99, 104  
Consciência Ecológica 83, 86, 89, 95  
Costureiros 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178  
Crimes contra a honra 207, 213, 214  
Crise da modernidade ocidental 6, 1, 2, 10  
Currículo básico 5, 7, 180, 181, 190

### D

Deleuze 52, 64, 129, 138  
Democracia racial 5, 6, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 37  
Desigualdade Social 15, 113, 223  
Direitos da infância 209, 219  
Ditadura Civil-Militar 177, 223, 224

### E

Ecologia de saberes 1, 2, 3, 7, 12, 16  
Escola de Chicago 83, 90, 91, 95  
Espiritualidade 125, 126, 127, 129, 132, 135, 137, 138, 139  
Estado Democrático de Direito 207, 208, 214, 218  
Ética do cuidado 5, 6, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80  
Ética profissional 69, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 150

### F

Favela de Acari 220, 222

## **G**

Gilberto Freyre 19, 21, 23, 34, 36, 197, 205

## **H**

Human Exemptionalism Paradigm 91

## **I**

Interseccionalidade 110, 112, 119, 121, 122

## **M**

Mães de Acari 8, 220, 221, 222, 226, 228, 229, 230, 231

Memória Coletiva 98, 100, 106, 108, 109

Mercado de trabalho 7, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 224

Michel Foucault 6, 52, 53, 58

Mobilidade Espacial 98, 106, 107, 108

Modelo Patriarcal 212, 215

Movimento Negro 111, 112

## **N**

New Environmental Paradigm 83, 91

Nova Era 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135, 137, 138

## **P**

Pós-modernidade 6, 1, 2, 6, 7, 11, 15

Projetos Intervencionista 98

## **Q**

Quilombo 19, 23, 35, 36

## **R**

Regime de Poder 6, 52, 53, 57, 63

Relativização 25, 136, 140, 141, 144

## **S**

Sigilo Profissional 7, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Sul Global 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16

## **T**

Teoria Moral 69, 70, 71, 79, 81





Teoria Política 56, 193

## V

Violência contra a mulher 207, 208, 219

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

 **Atena**  
Editora

Ano 2021